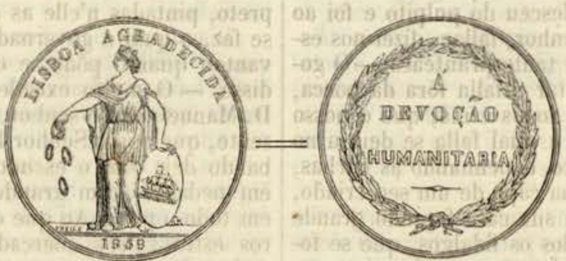
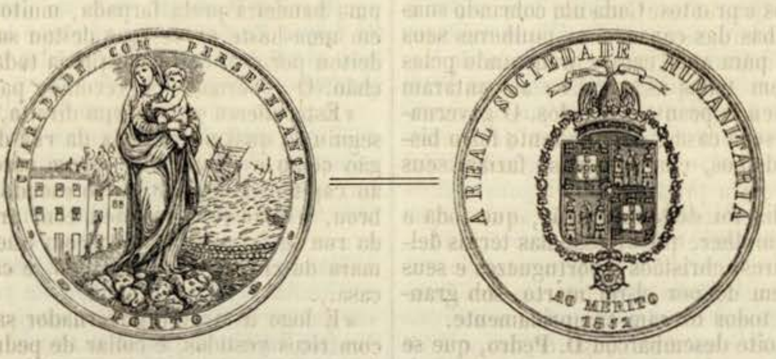
MEDALHAS POPULARES QUE LEVOU PENDENTES O ATAÚDE

DO

SENHOR REI D. PEDRO V



MEDALHA QUE MANDOU CUNHAR O MUNICIPIO DE LISBOA PARA CONDECORAR OS QUE MAIS SERVIÇOS PRESTARAM DURANTE A EPIDEMIA DA FEBRE AMARELLA DE 1858



MEDALHA QUE MANDOU CUNHAR A «SOCIEDADE HUMANITARIA DO PORTO» PARA GALARDOAR OS SOCCÔRROS PRESTADOS AOS NAUFRAGOS, E OUTROS ACTOS DE HUMANIDADE

Que os povos ambicionem as condecorações instituidas pelos reis; que a fatuidade e a inepcia as anhelem como rotulo do merito que lhes falta para hombrearem com os magnates, coisa é tão antiga como as insignias heraldicas. Mas haver rei que exornasse o peito com os distinctivos que o povo creára para os actos de confraternidade, só n'este seculo e n'este reino o vimos.

De todos os capitulos para a chronica del-rei D. PEDRO V, já escriptos com tanto affecto, saudade e poesia, nos innumeraveis artigos de toda a imprensa periodica, nacional e estrangeira, este será o mais honroso para a sua memoria, e o de maior exemplo para os soberanos que quizerem grangear o amor dos povos, tão intimo e cordial como foi o de todos os portuguezes ao joven monarcha, abençoado e chorado por toda a nação.

Com a purpura esmaltada de veneras e ordens de todos os potentados do mundo, D. PEDRO V prezava mais que todas as gran-cruzes, as singelas medalhas que duas corporações populares, a «Camara Municipal de Lisboa» e a «Sociedade Humanitaria do Porto» crearam para distinguir os que se houvessem arriscado pela salvação dos seus similhantes. E era aquella a que habitualmente trazia ao peito, dizendo com ufania: *Esta ganhei-a eu.*

E ganhára. Quando o tremendo flagello da febre amarella invadiu por primeira vez a capital do seu reino, ameaçando despovoal-a pela morte ou pela fuga, elle, similhante ao general intrepido, que no mais acceso da peleja e da mortandade, acode a toda a parte, reanimando os feridos e incitando os descoroçoados, visitava os hospitaes, afagava e animava os enfermos, mais aterrados que doentes; com a sua presença, tão suave e tranquilla, afoitava os assistentes receiosos do imminente contagio; apparecendo em todos os logares publicos, este exemplo, vindo de tão alto, retinha na cidade os que ainda lhe davam animação, e prestavam soccorro aos accommettidos do mal.

Parecia já antever, que em tão breve existencia, se não lhe depararia outra conjuncção de batalhar pelo seu povo, não como o haviam feito todos seus avós, mas em lucta digna d'este seculo, propria da sua philosophia e piedade...

Só uma recompensa ambicionava d'esta abnegação da sua vida: era ser condecorado pelo povo, como todos os mais que o não tinham desamparado nos dias da angustia — disse-o na resposta que deu ao discurso do senado municipal, quando lhe foi entregar a medalha que o rei havia ganhado ao lado dos seus subditos. E acrescentou ao mais que por essa occasião proferiu, com benevolo mas sincero agradecimento, estas memoraveis palavras:

«Pareceu-me sempre que a mais invejavel das recompensas, ás quaes o sentimento liga um valor que a philosophia se esforça em vão por desmerecer, é aquella que os companheiros de trabalhos e de perigos nos votam sobre o proprio chão da peleja. É a condecoração modesta do soldado, a que o favor não tem direito, nem se lembra jámais de conferir.»

O valor que o joven monarcha, de indelevel memoria, dava a este testimunho da gratidão nacional, bem se revela n'estas sentenciosas phrases. E ainda mais se foi por disposição da sua ultima vontade, como suppomos, que as duas medalhas que lhe conferiram as cidades de Lisboa e Porto, foram pendentes do seu ataúde, no transito funeral do paço das Necessidades para o real jazigo de S. Vicente.

Devendo tambem o *Archivo Pittoresco* prestar a sua parcella de tributo e homenagem á saudosa memoria do rei escriptor, que honrou a imprensa periodica com os seus artigos, a sciencia com o seu estudo, as escholas com a sua presença, o ensino com a instituição de aulas publicas por elle mantidas, as artes com o seu patrocinio, entendemos, que gravando e perpetuando n'estas paginas as medalhas que elle ganhou, supprimos, por este seu brazão popular, as vozes que nos faltam para tecer o panegyrico das virtudes e saber de tal principe.

CORRECÇÕES AO DR. LIVINGSTONE

O honrado visconde de Sá da Bandeira, como ministro da coroa e como escriptor publico, tem sido incançavel fautor das nossas colonias d'Africa. Ninguem as conhece melhor que elle; ninguem tem zelado mais a prioridade d'estes nossos descobrimentos, e a legitimidade do nosso dominio.

Quando em 1855 alguns escriptores inglezes nos quizeram contestar esses direitos, o sr. visconde de Sá publicou, anonymo, um opusculo intitulado: *Factos e considerações relativas aos direitos de Portugal sobre os territorios de Molembo, Cabinda, Ambriz, e mais logares da costa occidental d'Africa, com tres cartas geographicas.* Foi esta obra traduzida em inglez; e tão demonstrativa era, que fez calar os impugnadores.

Quando o dr. Livingstone, percorrendo parte d'aquellas nossas colonias, como já temos referido n'este jornal, [1] asseverou nas suas *Viagens e explorações na Africa central*, que os portuguezes não tinham, como elle, chegado ao rio Chire, na Zambezia, o sr. visconde de Sá o tirou d'este engano, com o extracto de varias obras antigas e modernas, que remetteu aquelle celebre viajante, e teve a bondade de nos communicar, permittindo que as archivassemos n'este semanario, d'onde a todo o tempo se possam extrahir para esclarecimento dos ignorantes dos nossos antigos descobrimentos, e confutação authentica dos que nos contestarem a prioridade de alguns d'elles.

Para que houvesse uma carta onde as demarcações do que nos pertence estivessem bem definidas, a mandou desenhar, e publicou ha pouco tempo, excellentemente lithographada, com o titulo de: *Zambezia e Sofala. Mappa coordenado sobre numerosos documentos antigos e modernos, portuguezes e estrangeiros — pelo visconde de Sá da Bandeira.* 1861.

Ha poucos annos, um escriptor nosso, que visitou estas possessões, e sobre ellas publicou interessantes noticias [2], dizia com pesar e vergonha:

«Consta-me que o medico e naturalista prussiano William Peters, acaba de publicar em Berlin o primeiro volume da viagem scientifica que fez nos sertões de Quilimane e outros na provincia de Moçambique. Nós os portuguezes, que possuimos estes terrenos ha mais de tres seculos, pouco os conhecemos para o interior, e nem uma carta geographica temos, mesmo dos districtos mais conhecidos da provincia!»

A esta falta acudiu em parte o mappa do sr. visconde de Sá.

Recommendando este accuradissimo trabalho, a todos quantos se interessam pela manutenção e progresso das nossas colonias africanas, e aos emprehendedores que houverem de aviventar o commercio e industria d'aquelle tão productivo paiz, passemos a inserir as notas que o auctor se dignou confiar-nos.

NOTAS SOBRE OS RIOS ZAMBEZE E CHIRE E ALGUNS LAGOS DA AFRICA ORIENTAL

Tendo o celebre doutor Livingstone viajado pelo rio Chire na Zambezia, e escripto depois, que os portuguezes não haviam navegado por este rio, tivemos curiosidade de examinar algumas obras, a fim de verificarmos quaes eram os conhecimentos que estes possuiam dos lagos e rios acima indicados, antes de se emprehenderem as viagens feitas recentemente.

D'ellas fizemos os extractos abaixo transcriptos.

[1] Pag. 73 do vol. I, e 17 do II.

[2] O sr. Carlos José Caldeira, nos seus *Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China.*

I

Na obra intitulada *Ethiopia Oriental*, escripta pelo padre João dos Santos, que por espaço de onze annos (de 1586 a 1597) foi missionario nas terras portuguezas de Africa oriental, lê-se o seguinte: «Defronte de Senna, da outra parte do rio (Zambeze) está uma grandissima serra chamada Chiri [1] a qual se deixa ver de vinte legoas. Esta serra é fertilissima e toda povoada de cafres, assim no alto como pelos valles.

«D'aqui vão para Senna os mais dos mantimentos que se n'ella gastam, como são arroz, milho, batatas, [2] figos e galinhas. Tem muitas fontes de excellentes aguas, não sómente nos valles como tambem nos altos. Pelo pé d'ella corre uma formosa e grande ribeira, [3] a qual vem desembocar no rio Zambeze dez legoas abaixo de Senna, e por ella navégam os cafres e os moradores [4] de Senna, e tem seu commercio de uma parte para outra.

II

O padre Manuel Godinho, na sua viagem da India por terra a Portugal, feita no anno de 1663, falla da *Lagoa Zachaf*, e diz que tem de largo 15 legoas, sem se saber o seu comprimento, e acrescenta o seguinte:

«Segundo um mappa que vi, feito por um portuguez que andou muitos annos pelos reinos de Monomotapa, Manica, Butua, e outros d'aquella Cafraria, fica esta lagoa não longe do Zimbaoé, quer dizer, corte de Mesuva ou Marábia. — Sae d'ella o rio Aruvi [5] que por cima do nosso forte de Tete se mette no Zambeze, e tambem o rio Chire, que, costeando por muitas terras, e ultimamente pelas do Rondo, se vae juntar com o *rio de Cuama* por baixo de Senna.

«*Que haja a tal lagoa dizem-no não só os cafres, senão tambem os portuguezes que lá chegaram navegando pelos rios acima.*»

(Godinho. Viagem. 2.ª edição pag. 199. Muata Cazembe pag. 48)

III

Gamitto fallando do lago ou rio Nhanja Mucuro, isto é, Nhanja-Grande, diz: «que segundo as informações que recebêra, elle tem uma largura extraordinaria; que embarcando em almadias (canôas) para o atravessar, é forçoso dormir duas noites em ilhas, de que é semeado, para no terceiro dia de tarde chegar á margem opposta, distancia que, segundo o seu calculo, não poderá exceder a nove legoas; que tem uma corrente forte para o nascente, e que muitas das ilhas são habitadas.»

Diz tambem que ha outro rio chamado pelos cafres Nhanja-Pangono, isto é, Nhanja-Pequeno. (Muata Cazembe pag. 48)

Segundo o mesmo viajante, os lagos principaes que foram vistos pela expedição commandada pelo major Monteiro, foram o lago Luena e o lago Môfo, ambos nos dominios de Muata Cazembe.

Diz: «que este ultimo não tem corrente sensivel, e que o seu comprimento do sul ao norte fica a perder de vista, e que (segundo ouvíra) este lago não despeja as suas aguas em nenhum outro; que n'elle despejam ao sul o rio Canengué e ao norte o rio Lounde, ambos abundantes de agua, e talvez outros.»

(Muata Cazembe pag. 447

[1] Chama-se presentemente serra Murrumballa.

[2] Assim chamam alli ás bananas.

[3] É o rio Chire.

[4] Moradores é o nome que se dá aos habitantes de Senna, Tete etc., que são de sangue europeu ou asiatico.

[5] O rio Aruvi, é provavelmente o que hoje é chamado, rio Arunâgua do Norte.

Diz mais: «que a cidade de Lunda [1] onde residia o Muata Cazembe, está situada em uma vasta planicie no lado oriental do grande lago Môfo, que tem aqui mais de quatro legoas de largura, e cujas margens, n'esta parte, são baixas e muito lodosas, sendo o lago muito abundante em peixe, crocodillos, lontras, e zôvos, que são uns animaes amphibios, cornigeros, do tamanho de cabras (pag. 243).»

O doutor Livingstone, referindo-se a uma conversação que teve em Tete, em casa do commandante da villa, no mez de fevereiro de 1856, diz, a paginas 640 da sua Viagem.

«Um dos cavalheiros presentes, o sr. Candido, havia visitado um lago a 45 dias N. N O. de Tete, o qual é provavelmente o lago Maravi dos geographos, pois quando para alli foi passou pelo paiz dos povos Maraves.»

Os habitantes da costa do sul do lago chamam-se shivas [2], os do norte mujáos [3]; e elles dão ao lago o nome de Nyanja ou Nyanje, [4] o que significa simplesmente uma agua grande, ou leito de um grande rio. No meio d'ella está uma alta montanha chamada Murombo, ou Murombola. Elle diz que atravessára o Nyanja em um logar estreito, e que gastára 36 horas na passagem. Em todo o caminho, as canôas foram a remos, e se se calcular a marcha a umas duas milhas por hora, poderá suppor-se que a largura do lago é de 60 a 70 milhas.

«Do extremo meridional do lago saem dois rios, um dos quaes tem como elle o nome de Nyanja, o qual vae desembocar na costa oriental com outro nome, e o Chire que entra no Zambeze, pouco abaixo de Senna.

«O Chire é chamado Chirua no ponto da sua partida do lago, e o sr. Candido, quando alli esteve, foi informado de que o lago era simplesmente uma expansão do rio Nhanja, o qual vem do norte e torneia o monte Murombo, e este nome significa juntura ou união, em attenção a que as aguas se separam no seu extremo do norte, e de novo se unem no do sul. O Chire corre por um paiz baixo e pantanoso. Os portuguezes não podem navegar o Chire até ao lago Nhanja por causa da grande abundancia de uma planta maritima, a que chamam alfacinha, pela sua similhança com uma alface.

«O sr. Candido tem o emprego de juiz em todos os pleitos entre os indigenas, e conhece perfeitamente a sua linguagem.»

Este sr. Candido é provavelmente o mesmo individuo que em 3 de junho de 1831 foi encontrado pela expedição commandada pelo major Monteiro, no prazo Soche, na esquerda do Zambeze, quando ia em marcha de Tete para o Cazembe.

O dito individuo, que se achava no Luane, ou casa de habitação do referido prazo, e era parente da familia da casa, chamava-se Candido José da Costa Cardoso, tinha a patente de capitão-mór das terras da corôa, e era juiz privativo dos milandos cafriaes (pleitos e mais questões entre os cafres).

(V. Gamitto. Muata Cazembe pag. 7)

IV

Rio Zambeze. Gamitto (no Muata Cazembe pag. 191) diz, que a expedição do commando do major Monteiro chegára no dia 9 de outubro de 1831 á margem esquerda do rio Chambeze, cujo nome se achava no manuscripto tambem com a ortographia de Zambeze. Observou que este rio corre para oeste, que tinha de largura 80 braças, e 5 de altura nas barreiras; o leito era de pedra e muito povoado de ostras, excellentes para comer; que no logar onde se achou vau tinha a agua $3^1/_4$ palmos de altura, correndo ahi com grande velocidade, não inferior á do Zambeze, que se havia observado ser em algumas partes de 9 milhas por hora: que é um rio consideravel, havendo poucos pontos aonde dê vau, mesmo no mez de outubro, que é a força do estio em que todos os rios empobrecem.

Diz mais a pag. 387, que na volta do Cazembe, chegou a expedição á margem direita do mesmo rio em 18 de julho de 1832; que tinha 100 braças de largo, e as suas barreiras 8 de altura; que dava vau, porém que a velocidade da sua corrente era tal, sobre um leito de rocha lisa e limosa, que tornava a passagem impraticavel. Que na ida para o Cazembe passára o rio mais a léste, não podendo calcular a distancia entre os dois pontos, que suppunha não ser pequena, porque o terreno onde se effectuára a primeira passagem era montuoso, e no segundo logar o rio corre por uma vastissima planicie, que no primeiro ponto havia no rio abundancia de ostras, e no segundo não se achavam vestigios d'ellas.

A pag. 447 diz, que de todos os rios que a expedição passára entre Tete e Lunda, capital do Cazembe, o rio Chambeze é aquelle que depois do Zambeze tem em maior extensão, maior altura de agua, e que parece ser aquelle que com maior facilidade se poderá tornar navegavel, e que julga provavel que vá lançar as suas aguas no Zambeze.

Notaremos aqui, que os commerciantes que de Angola tem penetrado nos sertões, mencionam, como cabeça do rio de Senna, que entra no mar baixo de Quilimane, um grande rio cujo nome escrevem do seguinte modo: Diambege — Liambege — Kiambege.

V

Reflectindo sobre o que o major Gamitto diz ácerca do lago Môfo, e considerando que a sua posição fica a N.O. dos pontos de Moiro, Achinto e Mazavamba, cujas latitudes foram determinadas pelo doutor Lacerda em 1798, parece que a situação d'este grande lago deve estar a poucos dias de viagem do lago Tanganyika, que nos annos de 1857 e 1858, foi visitado pelos capitães Burton e Speke.

VI

Parece que dos extractos que ficam transcriptos se podem tirar as conclusões seguintes:

1.ª — Que o rio Chire havia sido navegado pelos portuguezes nos seculos XVI e XVII.

2.ª — Que o grande lago chamado Nhanja Mucuvo, isto é, Agua-Grande, que existe no paiz dos Maraves, já por elles havia sido visitado no seculo XVII.

3.ª — Que elles haviam feito mappas em que o dito lago, o Chire, e outros rios haviam sido notados.

4.ª — Que elles por muitas vezes, nas suas viagens entre Tete e o Cazembe, haviam atravessado o rio Zambeze ou Chambeze.

5.ª — Que Candido da Costa Cardoso havia estado no logar onde do lago sáe o rio Chire, que alli tem o nome de Chirua.

6.ª — Que o doutor Livingstone, visitando o Chire, determinando por observações astronomicas alguns pontos, e fazendo a descripção do paiz, augmentou os conhecimentos geographicos que havia d'esta parte da Zambezia.

Lisboa — Janeiro de 1861.

VISCONDE DE SÁ DA BANDEIRA

[1] Lunda é o nome e não Lucenda, como por erro do copista foi escripto, e depois transcripto em alguns mappas.

[2] e [3] Estes povos são pelos portuguezes chamados chevas e mujáos.

[4] Lago Nhanja dos portuguezes.

O PALACIO DA BOLSA NO PORTO

Este palacio é um dos mais bellos e grandiosos edificios de Portugal. Está construido no estilo da architectura propriamente ingleza, que, em nosso entender, é aquelle onde se reunem em mais perfeita união a elegancia, nobreza, e justas proporções da architectura classica, ou da antiga Grecia, com a singeleza e bom gosto das decorações modernas.

Novo como é, tem uma historia que principia em remotas eras, e que termina n'um capitulo de subida gloria; gloria que refulgiu como o meotoro, que illumina o espaço para logo o deixar nas trevas; gloria que a dor em breve cobriu de crepes e cercou de saudades!

O anno de 1233 viu a S. Gualter, discipulo de S. Francisco, lançar os fundamentos a uma pequena casa de penitencia e oração junto da cidade do Porto, mas da parte de fóra dos seus muros. Passados quasi dois seculos, attendendo D. João I, o illustre defensor da independencia portugueza, a que o modesto convento de S. Francisco estivera na ultima guerra tão exposto ás garras do leão de Castella, determinou abrigal-o com as muralhas da cidade, mudando-o para o interior d'ella. Effectuou-se a transferencia no anno de 1404.

Não consentiu a alma elevada e magnanima do soberano, que o convento condissesse com a humildade e pobreza da ordem. Ao seu aceno levantou-se um grande templo de tres naves, coberto interiormente de oiro, em talha relevada, desde a base das paredes até ao alto das abobadas; e a par do templo ergue-se um convento, não magnifico, mas vasto.

Decorrendo mais quatro seculos sobre a fundação de D. João I, romperam entre nós as luctas civis. E durante essa quadra, em que a cidade do Porto foi o principal theatro dos gloriosos successos que formaram a immortal epopêa da conquista da liberdade, incendiou-se o convento de S. Francisco na noite de 24 de julho de 1832, servindo então de aquartelamento militar.

Triumphante o principio liberal; repousando o paiz á sombra da paz; e regenerando-se sob o influxo benefico das novas instituições, o Porto sacudiu de si o pó das ruinas, e apagou promptamente todos os vestigios da guerra. Assumindo de improviso animado e florescente aspecto, remoçou-se, aformoseou-se, e cresceu. Os seus velhos edificios transformaram-se pela maior parte em esbeltas habitações. Ornaram-se de arvoredo as praças publicas. E por todos os lados, no centro e em torno da cidade, abriram-se novas e largas ruas, que pouco a pouco se foram povoando, e guarnecendo de nobres edificios.

Uma das primeiras ruas que se traçaram, poz em communicação a rua de Bello-Monte com a Nova de S. Nicolau, vulgarmente chamada dos Inglezes, cortando os incendiados conventos de S. Domingos e de S. Francisco.

Em honra do illustre auctor do *Codigo Commercial Portuguez*, deu-se á rua o nome de *Ferreira Borges*. E em testimunho de apreço ao corpo do commercio d'aquella heroica cidade, pelos serviços que prestára á causa da liberdade e do throno legitimo, foi-lhe concedido o convento de S. Francisco para ahi construir o edificio da Bolsa e tribunal do commercio.

Fez-se a planta em vasta escala; e para occorrer a todas as despezas foi lançado um tributo especial sobre certas mercadorias de importação, arrecadado na alfandega d'aquella cidade, e administrado, bem como o andamento da construcção, pela *Associação Commercial*.

Ao cabo de vinte e tantos annos de trabalhos nunca interrompidos, alçaram-se e concluiram-se as duas formosas fachadas que decoram as ruas de *Ferreira Borges* e *del-rei D. Fernando* II; e interiormente estão as obras quasi chegadas ao seu termo.

A frontaria principal é a que deita para a primeira d'aquellas ruas, e olha para éste. Distingue-se pela magestade do seu vestibulo, e pela belleza da torre, que lhe serve de coroa.

A fachada da rua del-rei D. Fernando II está voltada para o norte, e forma-lhe o centro um corpo resaltante em que se abrem tres portaes, que communicam para o grande pateo, ou praça do commercio, que fica no meio do edificio. Pelo lado do sul encosta-se o palacio da Bolsa ao magnifico templo de S. Francisco. O lado de oeste é o que se está edificando.

A praça destinada para reunião dos commerciantes era o claustro do convento. É uma fabrica sumptuosa, construida no seculo passado, e em bom estado de conservação apesar do incendio, e de outros desastres da guerra de que foi victima o convento. As quatro frentes do edificio, que orlam a praça, outr'ora jardim, pela nobreza da sua architectura harmonisam-se melhor com as grandezas do actual palacio, do que com a modestia e pobreza da antiga casa dos franciscanos. Adorna o centro da praça uma linda fonte de repuxo com suas taças todas lavradas em brincados feitios.

Encerra este palacio muitas salas, algumas notaveis pela sua amplidão e magnificencia. O salão onde o tribunal do commercio celebra as suas sessões tem um tecto riquissimo em obra de estuque. O do jury é bello e mui rico; recebe a luz por uma cupula airosa e bem ornada, que se firma sobre grandes columnas de pedra, que descrevem no meio da sala um perfeito circulo, dentro do qual estão as cadeiras e mesa para os jurados conferenciarem. O salão destinado para festejos reaes é o maior de todos, e primará em riqueza quando estiver acabado. São tambem extensas e excellentes as duas salas da assembléa geral da associação commercial, e de leitura. Esta ultima é guarnecida de bons mappas, e possue uma grande collecção de jornaes politicos e litterarios, nacionaes e estrangeiros. [1]

Em agosto passado franqueou este palacio as suas salas e galerias á exposição geral dos productos da industria portugueza. Adornou-se então o palacio de esplendidas galas para celebrar esta festa nacional, e para receber dignamente o grande rei que alli ia para inaugurar a exposição, e honrar e glorificar o trabalho.

O enthusiasmo quasi delirante com que os portuenses acolheram o Senhor D. Pedro V, e o discurso cheio de verdadeira unção patriotica, que o soberano proferiu n'essa solemnidade, formarão a pagina de oiro dos annaes da Bolsa, bem como uma das mais brilhantes da historia do Porto.

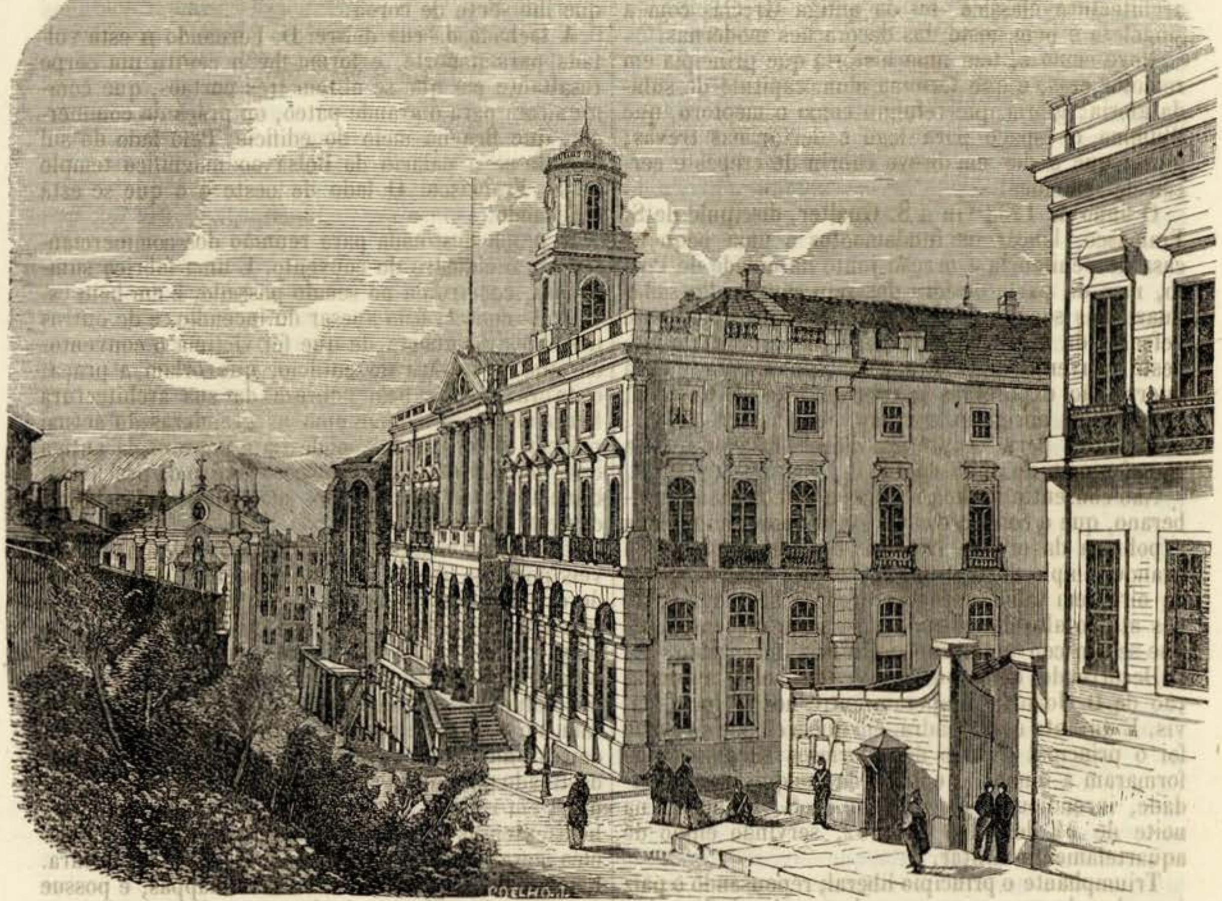
Porém decorridos mais dois mezes converteram-se em tristeza e lucto todo esse enthusiasmo, e essas pompas. O povo, sentindo ainda as commoções de tantos regozijos, viu de improviso, como se fôra um sonho, trocarem-se em saudade e desengano, o amor e as esperanças com que saudára do mais fundo d'alma o rei popular, a quem chamava pae e amigo!

I. DE VILHENA BARBOSA.

Se é tão grande a alegria dos navegantes, quando, tendo escapado das tempestades e dos corsarios, ouvem dizer: *terra! terra!*; que alegria será a dos que agora padecem, quando ouçam dizer: *ceo! ceo!*

PADRE ANTONIO VIEIRA.

[1] A gravura junta mostra parte do edificio do Banco Commercial do Porto, o palacio da Bolsa, a capella-mór da egreja de S. Francisco, e no fundo a egreja parochial de S. Nicolau.



Palacio da Bolsa no Porto

O CORUTO D'ALFATMA

(CONTO POPULAR DA SERRA DA ESTRELLA)

Ignoro se ainda existe no castello d'Almada um veterano do batalhão de Cascaes, de bem desenvolvidas proporções, robusto para a sua edade, curto bigode branco, exoticamente vestido de calça de briche, casaco improvisado d'uma farda velha, a que por accessorio se juntaram umas abas d'outro panno, farto lenço de panninho preto enrodilhado ao pescoço, e bonet redondo.

Ao tempo da minha ultima visita áquelle sitio, foi assim que lá encontrei o sr. Luiz Gomes, cabo d'esquadra do primeiro batalhão de veteranos, que requeria, e não sei se lh'a deram, uma fita da Torre e Espada, por ter sido um dos artilheiros da corveta Amelia quando estava a bordo o duque de Bragança, nos tempos da restauração. Os annos não tinham de todo gasto o bom humor natural que o veterano deveu ter em quanto moço, porque o seu trato era ainda agradavel, e a sua conversação tinha aquella singeleza militar que faz tratar a rir as coisas mais graves. Quem tem luctado com as balas adquire tal superioridade aos perigos, que falla d'elles como nós fallariamos d'uma fugida do collegio, ou d'uma pesca ao candeio nas mansas aguas do Tejo.

O castello estava só, desartilhado, como ahi todos o conhecem, e a esboroar-se qualquer dia em inaproveitaveis ruinas! Fóra da porta rondava o veterano. Alguma coisa achei de commum entre aquellas duas ancianidades, que me fez pensar que alguem poderia crer que pertenciam ambas á mesma epocha, e quando uma perecesse ficava inutil a outra.

Não sei, nem para aqui importa, a serie de cogitações a que isto deu logar; mas o certo é que em seguimento d'ellas me dirigi ao veterano, e tive occasião de lhe ouvir contar, com engraçado estilo, as suas passadas campanhas, com todas as glorias e revezes que ellas trazem.

Luiz Gomes não perdia a frescura de linguagem com que referia o modo por que dera n'uma refrega sobre o inimigo, nem para dizer como fôra prisioneiro em Ruivães, ou que, de quantos camaradas tinham vindo para o castello, era elle só o que estava á espera da morte.

Em um d'aquelles mil incidentes por onde o capricho dirige quasi todas as conversações, vim a achar-me comprovinciano do cabo de veteranos, o qual, com esse tom de saudade que inspiram sempre recordações da patria, me fallou da sua terra, e das maravilhas da serra da Estrella, taes quaes lh'as impressionára a imaginação de criança.

A intelligencia mais robusta muitas vezes se embrutece na contemplação das nuvens de poeira que doiram as recordações da infancia; não admira pois que o veterano acreditasse com toda a viveza da fé, que por aquelles valles e cabeços, até hoje não explorados, havia encantamentos de moiras, palacios e riquezas de fadas, que tanto fizeram já as minhas delicias nos contos do serão, e que eram mais dogma para quem m'os contava do que todas as verdades do credo.

— Pois olhe, disse o veterano, a proposito das maravilhas da serra, hoje riem-se, mas para a verdade é o mesmo, porque ninguem a tira d'onde ella está. Houve nos meus sitios uma mulher que foi feliz por encontrar as riquezas d'um encanto que havia lá para o Coruto d'Alfatma, que é a parte mais alta da serra, [1] e tão alta que nunca me puz a ir lá, nem lá se váe senão no pino do verão. Dizem que é a maior altura do reino, d'onde se descobre uma grande parte d'elle e por Hespanha dentro.

O nome tão visivelmente arabe da parte mais elevada da serra da Estrella moveu-me a curiosidade, levando-me a pedir ao veterano me contasse a historia da moira encantada.

— Conte-me lá isso, camarada. Não sou d'essas almas descridas que negue fé ao que tão acreditado foi sempre.

Será fraqueza confessal-o, mas não sei rir d'estas fabulas populares, nem zombar de quem as crê. Não fazem mal a ninguem, respeito-as. Ellas cairão por si. O maravilhoso encantou sempre as imaginações populares. Quem me diz se não está o patriotismo tambem n'essas tradições, aliás ridiculas para o homem illustrado, mas que nem por isso deixam de constituir a feição d'um povo? As nossas moiras encantadas, as viagens de ida e volta á India em uma noite, que as feiticeiras fazem, são muito mais poeticas que a mythologia terrivel de Irminsulfs e Theutates, como discretamente disse o tão fecundo como espirituoso Garrett.

Posto isto, já o leitor sabe que ouvi com religioso acatamento a narração do veterano, que todo se deliciava em fallar a tão attento ouvinte.

— Sempre se disse na minha terra, villa não longe da serra, que lá para os altos havia moiras encantadas; e da do Coruto d'Alfatma era conhecida a existencia. Verdade é que nunca ninguem a viu em pessoa; porque, como as moiras não são gente christã, e não ha bom christão que lhes queira dar os santos oleos do baptismo, andam pelas tocas dos penedos mudadas em cobras e lagartos quando vem á luz do dia; mas todos sabiam que ella andava lá.

Os moiros, quando se foram embora, para signal do que alli deixavam, ao mais alto cabeço da serra pozeram o nome de Coruto d'Alfatma, que na sua linguagem quer dizer alguma coisa que nós não entendemos, mas que se elles tornassem haviam de saber, para procurar muitas riquezas que lhes enthesouraram seus antigos. Quando foram vencidos, e mandados pôr fóra do reino, não poderam levar os muitos haveres que tinham; não só porque os mandavam sem elles, mas porque a gente d'então, que era muito bravia, iria roubar-lh'os ao caminho; por isso dinheiro e joias esconderam tudo onde não podesse chegar ninguem que não fosse lá de proposito, ou então por engano. Pozeram-lhes guardas encantadas, que eram sempre lindas moiras, porque tendo de se arriscar com ellas a longas viagens, iam expol-as a graves perigos, a que as pobresinhas não poderiam resistir; e então melhor lhes era deixal-as em logar seguro.

Dizem que os moiros quando faziam estes encantos tinham suas vistas. Como deixavam lindas mulheres, e ninguem era mais extremado para amores do que a sua mocidade, deixando-as, deixavam um elemento de conquista a seus generosos mancebos, que para as resgatarem do encanto careciam d'entrar no paiz, e ahi estava uma nova guerra de moiros.

Por esses tempos, el-rei moiro de Manteigas, senhor de grandes terras e poderio, tinha uma filha chamada Fatima, a princeza mais formosa das duas Beiras. Diziam-na os seus uma perola chovida do ceo para adorno dos paços reaes. Os christãos da visinhança porfiavam em lhe conquistar os estados para lhe roubarem a filha, a quem elle mais queria do que a todas as suas riquezas. El-rei fez-se forte na sua villa, tão difficil para a conquista como facil para a defesa; mas cresceu tanto o poder dos christãos, e deu com o moiro tão rigoroso inverno, que o mesquinho teve de fugir pelas mais occultas veredas da serra, levando os seus mais fieis, as suas riquezas, e, o que mais lhe doia, a sua Fatima.

Mette dó considerar nos pobres fugitivos, perdidos por aquelles cabeços, sem patria, e sem caminho no labyrintho da serra, onde a neve, que alastrava o chão, nivelava os valles com as eminencias.

Fatima, debil como os bafejos da aragem por encalmada noite, mimosa como a verdura da folhagem nas primeiras horas de desabrochar, impressionavel como as aguas de lago adormecido, que assustadas se enrugam com a quéda d'uma aresta, tiritava de frio pelas asperezas da serra, embora acalentada nos braços paternos. El-rei, sem reino, estava a ponto de perder a filha; e se com seu antigo poder tinha a custo defendido a pomba a que torvos falcões miravam, como havia de amparal-a agora fugitivo?

Sobreveiu a noite. Imaginem o náufrago exhausto de forças agarrado a uma taboa e perdido nas solidões do mar. A alvura da neve era a luz que os alumiava no meio d'aquelle vasto lençol, dilacerado por muitos rasgões, que assim pareciam os córtes a prumo das rochas, ainda não caiadas pela neve. Fatima tinha desfallecido. A desanimação dos fugitivos era completa. O rei moiro curtia, como pae, amargores que nunca lh'os compensariam venturas de um senhor de mil estados. Estava assim a transviada caravana, eis-que a seus olhos se opéra o maior dos prodigios!

Costeavam um rochedo, quando em frente se lhes abriu um caminho enxuto, calçado de pedras finas, e no fim uma luz que o alumiava todo. Foi para elles um signal de salvação. Voltaram forças com a esperança, e em poucos minutos entram em um magnifico palacio, onde tudo era tão grandioso que o mesmo rei ficou deslumbrado.

O que lá se passou ninguem o sabe; mas o certo foi que no outro dia desceram da serra uns pastores que ninguem conhecia, demoraram-se algum tempo no paiz, fazendo repetidas romarias, quando a estação o permittia, ao cabeço que elles chamaram a primeira vez Coruto d'Alfatma, e por fim desappareceram sem haver mais noticia d'elles.

Pelo que se póde colhêr d'aquelles pastores, que eram os moiros disfarçados, soube-se que uma fada, madrinha da princeza, a guardára no seu palacio encantado, até que viessem tempos de paz para os moiros, ou que algum christão quizesse dar-lhe os santos oleos do baptismo.

D'isto houve sempre memoria por aquelles arredores, e ninguem duvidava do acontecido, quando succedeu passar pelo Coruto d'Alfatma, antes do sol nado, em madrugada de S. João, uma pobre mulher.

Cançada de ter atravessado a serra, sentou-se um pedaço no tal Coruto, que está a umas boas duas legoas da villa de Manteigas. Como que Deus lhe pozesse a mesa, a mulher, em quanto comia um bocado de pão, viu a seu lado um grande estendal de

[1] A esta parte chamam serra do Canariz.

figos seccos, que pareciam ter esquecido alli a alguem de vespera; guardou no seu cestinho alguns para hora de menos fartura; depois partiu. Indo seu caminho, veiu-lhe a vontade dos figos, e quando retirou a mão do cesto, viu, com grande espanto, que trazia umas poucas de peças d'oiro de muito grande tamanho. Verdadeiramente maravilhada, tirou todas as provas de que não dormia; experimentou as peças uma por uma; tinham todas e eram pesadas. Contou as suas cento e tantas, e por fim convenceu-se de que era dona de um thesouro.

Agora ahi vem o demonio da cubiça!

A mulher que se contentava, horas antes, de poder matar a fome com figos seccos, já se não satisfazia com um bom cento de peças. Voltou atraz, e eil-a ahi váe caminho do mais alto da serra; porém já chegou a tempo que os primeiros raios do sol doiravam aquelles elevados pincaros; e n'esse instante viu que os figos se confundiam com as asperezas da fraga em que estavam estendidos. Para que não levassem o mesmo caminho os que tinha no cesto, cobriu-os sofrega com as mãos, mas n'este comenos ouviu uma voz que lhe fallava assim:

Tudo era teu quanto viste;
Agora tornaste em vão,
Não passes mais n'estes sitios
Na manhã de S. João.
Não te perdeu a pobreza,
Póde perder-te a ambição.

A mulher, com o bom peculio que tinha trazido, começou a prosperar; e só passados alguns annos é que se soube do caso, que mais confirmou o que se dizia do Coruto d'Alfatma.

Foi isto que o veterano me contou, e eu ouvi admirando os successos inventivos da fecunda imaginação do povo, que, com estas e analogas ficções, ha tantos seculos se embala.

S. M.

ARVORE DO CAHUTCHUC

Ha hoje tantos artefactos em que se emprega o cahutchuc, a que vulgarmente chamâmos gomma elastica, ou borracha, que bom é conhecermos a arvore d'onde se extrahe esta preciosa substancia.

O cahutchuc provém do succo lácteo que por incisão se tira do tronco de muitas arvores da America meridional e das Indias orientaes. Pertence á familia das euphorbias, taes como a *siphonia cahutchuc*, a *hevea guianensis*, *a jatropa elastica, etc.*; porém a maior parte vem do Brasil e da Guyana. Na India, em Java, e Singapura, extrahe-se o cahutchuc da *figueira elastica*, e d'outras figueiras mui grandes que formam immensas florestas.

O desenho que apresentâmos é da *siphonia elastica*. Cresce principalmente no Pará, na Guyana e regiões circumvisinhas, nas margens dos lagos e ribeiras. O tronco tem de ordinario 15 a 20 metros de altura, e 1 de diametro, coberto de casca cinzenta, pouco espessa e escamosa. Divide-se em ramos numerosos, guarnecidos nas extremidades de folhas alternas, de tres foliolos, em fórma de roseta. As flores são monoicas, e dispostas em paniculo; tem um calix de cinco divisões, sem corolla, e com cinco estames. O ovario, globoso, alongado em cóne, é de tres compartimentos com tres estigmas bilobados. O fructo é uma capsula oblonga, esverdinhada, com tres céllulas, tendo cada uma duas sementes (poucas vezes uma ou tres), de casca fragil, e miolo branco.

Tem esta arvore diversos nomes populares; porque no Pará chamam-lhe *cautecuc*, ou *pau seringa*; os mainás *cautchuc*; os hespanhoes *ievé*; os habitantes da provincia das Esmeraldas nos arredores de Quito *hevé*, e outros mais. Porém o seu nome botanico, como já dissemos, é *siphonia elastica*.

O padre Manuel Ayres do Casal, na sua excellente *Chorographia Brasilica*, no capitulo da provincia do Pará, fallando d'esta arvore, diz o seguinte:

«O *cautecuc* passa, e com justiça, por uma das mais uteis arvores d'este paiz, onde é commum. É do genero euphorbio, e do seu tronco se tira por incisão um liquido que se condensa e torna em uma gomma elastica, com a qual por meio de moldes se fazem seringas de varios feitios, e tambem se oléam vestidos para a agua os não passar.»

A *siphonia elastica* difficilmente se distingue nos bosques, porque o seu elevado cume fica occulto pelas arvores copadas que a assoberbam. Porém, se em vez de olharmos para o alto, attentarmos no terreno, saberemos que está proxima uma siphonia pela quantidade de plantas que nascem das sementes que vem ao chão, e ahi germinam, crescem, e morrem dentro em pouco tempo, abafadas pela sombra da floresta.

Em abril e maio é que o fructo amadurece. Os indigenas colhem-no, e o comem com gosto. Tem um sabor agradavel, similhante ao da avelã. Descascado e cozido dá um oleo de que elles se servem para temperar a comida.

A madeira da siphonia é branca, leve, branda, mas pouco solida. Empregam-n'a em construcções, na mastreação, e em pequenas embarcações.

Mas o producto mais importante da siphonia é o succo lácteo que verte o tronco, o qual recolhido e concentrado, constitue a gomma elastica ou cahutchuc.

Esta operação faz-se de um modo mui simples e facil. Quando a arvore já está vigorosa, faz-se-lhe uma incisão que penetre até ao amago. Depois abre-se-lhe uma goteira longitudinal, desde a parte superior da arvore até á incisão, e vão-se dando de distancia em distancia outros golpes lateraes, inclinados de fórma que vertam na goteira longitudinal. D'esta fórma o succo lácteo vem de toda a arvore affluir á incisão inferior, onde ha uma cabaça ou uma calha de folha de bananeira, para levar o liquido a um vaso que para isso está ao pé da arvore.

Póde-se renovar esta operação de quinze em quinze dias sem prejuizo da arvore, escolhendo-se de preferencia a estação de inverno, para lhe não estancar o vigor da vegetação durante o estio.

O succo da siphonia, quando sae da arvore, tem o aspecto e a consistencia do creme. As primeiras porções dão perto de 20 por cento de cahutchuc solido; as seguintes podem dar até 37.

Para separar o cahutchuc do succo lácteo que o contém, ferve-se, agitando-o devagar; o cahutchuc separa-se promptamente do liquido em fórma de grumos, que se reunem em massa esponjosa. A separação é facilitada pela addição de certa quantidade de rhum. Espreme-se a massa n'um panno grosso, para separar as substancias estranhas, e é assim que se obtem o cahutchuc de Assam e de Java, que é branco e inodoro.

Ha ainda outro modo de o preparar, que é, quando o succo ainda está bem liquido, vasa-se em fôrmas de barro, do feitio de peras, e depois vae-se tirando, camada por camada, esta massa de cahutchuc, que se endurece ao fogo lento de ramos de arvore resinosa, d'onde lhe provem a côr fula ou negra que lhe conhecemos.

O cahutchuc puro não tem cheiro nem sabor; a sua densidade varía de 0,919 a 0,942. É molle, flexivel e inalteravel ao ar. Dissolve-se com ether, sulfureto de carbone, essencia de terebenthina, e oleos

empyreumaticos taes como a benzina. Esta propriedade deu logar a fazerem-se os tecidos impermeaveis, hoje tão generalisados.

Como o cahutchuc se combina em parte com o enxofre, n'uma temperatura sufficientemente elevada, e adquire novas propriedades, d'aqui resultou a preparação do *cahutchuc volcanisado*, que ha poucos annos tantos artefactos tem produzido, e tanta applicação tem hoje na industria fabril.

O cahutchuc chega ás fabricas, que o manufacturam, em balas ou pêras, como já dissemos, e ahi se amollece por vapor. Depois é mettido n'uma lixivia alcalina para lhe tirar a gordura; passa em seguida para um apparelho que o tritura muito bem, para que a sua agglomeração seja mais facil, e d'ahi sae na fórma de um rolo mui grosso. D'este rolo é que se vão cortando, com uma faca mechanica, folhas ou laminas mui finas, que se podem dividir em tiras da largura que se quizer, até egualar a sua espessura, e assim se obtem os fios do cahutchuc de que se fazem os tecidos elasticos, as ligas, suspensorios, cintos, etc.

O fabrico dos tecidos impermeaveis, que tanta voga alcançaram, faz-se com a dissolução do cahutchuc por meio de oleos essenciaes, de etheres e do sulfureto de carbone. O dissolvente que mais se emprega é a essencia de terebinthina.

A volcanisação do cahutchuc opera-se pela combinação do enxofre em certas proporções, com a influencia do calor. Depois d'esta combinação, o cahutchuc adquire novas propriedades, sem perder nada da sua elasticidade; torna-se mais resistente, menos adhesivo, mas tenaz, e resiste melhor aos esforços da extensão.



Arvore do Cahutchuc

Além do cahutchuc volcanisado, ha tambem o *cahutchuc endurecido*, que passa pela mesma operação, com a differença que para 100 partes de cahutchuc se deitam 50 de enxofre pulverisado, com o que adquire uma grande dureza, e não conserva quasi nada da elasticidade que a volcanisação ordinaria lhe deixa sempre.

O cahutchuc endurecido póde-se polir e serrar como se fosse madeira, por isso d'esta materia se fazem molduras, pentes, botões, barbas para espartilhos, varetas para chapeos de sol, rolos para imprimir, pennas inalteraveis, etc.

Entretanto as applicações do cahutchuc volcanisado são mais numerosas que as do endurecido. Além dos tubos, apparelhos cirurgicos, tecidos, etc., devemos citar os coxins elasticos, os batoques dos wagons e locomotivas, as tabellas dos bilhares, as pranchas onduladas para ensaboar, as valvulas das bombas, as guarnições dos embolos para as machinas de vapor, os rolos contrapressores para a estampagem dos tecidos, os barcos e cintos de salvação, etc.; e sobre tudo uma das applicações mais engenhosas, qual é a dos planos e cartas maritimas, que se reduzem a pequenas dimensões, onde os dizeres, quasi illegiveis pela sua pequenez, se tornam perfeitamente legiveis quando se engrandecem pela tracção da carta elastica.

Convem advertir que se não confunda a *gutta-percha* com o *cahutchuc;* porque embora ella provenha tambem do succo de certos vegetaes, e em particular da seiva da *isonandra percha*, arvore de Singapura [1] e d'outras ilhas visinhas, tem mais tenacidade, dá laminas muito mais resistentes, é menos elastica; e para a obter tem de se cortar a arvore, porque só então é que o succo escorre em abundancia.

Para outra vez daremos o desenho da arvore da gutta-percha, e fallaremos então d'esta substancia.

[1] Veja o que diz sobre esta importante cidade o nosso collaborador e amigo C. J. Caldeira na sua *Viagem de Lisboa á China*, t. I, pag. 90.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.